

*Depoimento*

Maria Helena de Moura Neves

(Unesp, Campus de Araraquara /CNPq)

Começo este depoimento onde terminei a apresentação do volume VII da série *Gramática do Português Falado* (GPF), isto é, dizendo que, por mais de dez anos, estiveram todos os pesquisadores, dentro do grande projeto que Ataliba Teixeira de Castilho coordena, “dedicados a suas investigações como se de cada um dependesse a gramática referencial do português falado culto do Brasil”, e também que, “no entanto, todos os colegas de trabalho do GPF desenvolveram um notável espírito de união, enriquecendo a interação pessoal e criando uma comunidade de fortes sentimentos”.

Nessas duas indicações que faço em referência ao grupo como um todo, o que fica revelado, na verdade, é a força da presença do condutor do grupo, o nosso homenageado neste *Boletim*. Ora, vejamos.

Trabalhar como se de cada um dependesse tudo? É a primeira lição que o notável trajeto acadêmico do Prof. Ataliba oferece. Quem o viu alguma vez desligado de funções e atividades que movimentassem pessoas, grupos, entidades? Quando foi que ele – seja na Unesp, seja na Unicamp, seja na USP – deixou de ‘inventar moda’? E nunca nada pequeno, exatamente porque tudo sempre projetado como soma de esforços. Nem bem saído do Projeto GPF, ei-lo aí com uma nova equipe no *Projeto Para a História do Português Brasileiro*, de novo promovendo um espaço em que cada um trabalha com todos, dá tudo de si para formação de um conjunto, e entende sempre que o cresci-

mento de todos é o crescimento de cada um, porque – pode parecer paradoxal – tanto mais espaço para conquista temos quanto mais os que estão conosco ampliam seus espaços. A soma não subtrai!

A segunda indicação que faço – a que se refere à riqueza da interação pessoal – vai mais profundo, ainda. Novamente acoplo um trecho da minha “Apresentação” do volume VII da série GPF, no qual dizia que as discussões que se faziam no grande grupo eram extremamente ricas, em primeiro lugar pela diversidade de formação de seus componentes, mas, “especialmente, pelo modo particular de interação que esse grupo desenvolveu, dispondo-se todos a ouvir todos, e, assim, a relativizar pontos de vista, a temperar a rigidez de convicções assumidas, e, afinal, a reconhecer erros ou inadequações, sem melindres”. E, dando um depoimento pessoal que resumiu o que, de fato, eu senti, naquele grupo, durante os mais de dez anos de convivência forte e significativa, eu seguia dizendo:

*A sensação da apresentadora e organizadora deste volume – que deve ser a de todos os outros componentes do projeto – é que poucas vezes se terá conseguido viver uma experiência como a que se viveu no interior do grupo, durante esses anos. Todos entraram no projeto achando que tinham sido convidados porque ‘sabiam’ alguma coisa, e, no entanto, todos fizeram dele uma escola, sentando, estudando, falando, ouvindo, perguntando, respondendo, pensando e remoendo, e, enfim, aprendendo como nunca. Quanto monstro sagrado se viu, nas atividades do projeto, desvestindo máscaras de altar, dando a face e abrindo o peito, expondo-se para ensinar,*

*mas também para incorporar lições, com sabedoria, e principalmente com humildade – afinal, com a sabedoria da humildade, e seguindo, aliás, a postura do comandante, Prof. Ataliba. Todos disseram o que quiseram e ouviram o que lhes era dito, como se aquilo que ouviam fosse sempre o que queriam ouvir. Toda fala foi troca, e a troca foi saber, foi experiência, foi vida. Ninguém, com certeza, saiu o mesmo dessa aventura. E, com certeza, muito dificilmente se terá outra oportunidade igual.*

Quem não viveu não viu! E pode até ter dificuldade em entender como é que, em um meio acadêmico – tido sempre como tão escorregadio e perverso – possa ter havido espaço para desenvolvimento de amizade e união, quando o cenário era, instituída e assumidamente, de confronto, de discussão, de crítica – e pelo bem maior do produto a que se visava. Lembro-me de quando o Prof. Ataliba trouxe e apresentou um texto muito preliminar seu, de estudo sobre a conjunção “*mas*”, e a seguir – era um dia particularmente inspirado do grupo, eu acho! – viu acender-se uma grande discussão. E o ‘chefe’, ali, no meio da fogueira, entrou na discussão, exatamente como qualquer um dos interessados no assunto que lá falavam, buscando os ajustes, os acertos, prendendo as pontas, costurando as indicações, para afinal, dizer com um sorriso:

*– Já vi que tenho de fazer tudo de novo – Na maior e melhor compreensão de que a soma nunca divide!*

Isso aconteceu com todos nós. Mas o caso do Prof. Ataliba é exemplar: se cada um de nós não soubesse que era a soma que o ‘chefe’, como sempre, pretendia, todos teriam poupado as vozes, mas,

fazendo isso, teriam, também, sonogado colaboração, e teriam revelado superficialidade e artificialismo de relações, desconfiança, dissimulação, estranhamento, distância. Nada disso ele queria, e de modo algum admitíamos ser essa a natureza de nossas relações. Afinal, nossa lição maior, vinda ‘de cima’, era o básico princípio aritmético de que a soma sempre multiplica.